A Propriedade do Sujeito Nulo e o Princípio da Projecção Alargado

Pilar Barbosa

1. Introdução

Está amplamente demonstrado que as línguas de sujeito nulo (LSN) evidenciam o seguinte feixe de propriedades (Rizzi l982, Jaeggli l984, Burzio l986, Jaeggli & Safir l989):

a. sujeitos sem matriz fonológica

(1) a. *Português*: (Eles) Telefonaram.
    b. *Inglês*: *(They) called.

b. a possibilidade de o sujeito ocorrer em posição pós-verbal (“inversão livre”)

(2) a. O João telefonou.
    b. Telefonou o João.
(3) a. John called.
    b. *Called John.

c. ausência de efeitos *que*-vestígio (<u>*that*</u>-*trace* effects): em caso de extracção do sujeito, este é extraído da posição pós-verbal e não da posição pré-verbal (a este propósito, ver também Campos l997)

(4) a. *Who did you say that bought a computer?
    b. Quem disseste que comprou um computador?

A ausência de efeitos *que*-vestígio observada em (4b) generaliza-se a todas as línguas românicas de sujeito nulo (ver Jaeggli & Safir l989). Rizzi l982 e Jaeggli l984 atribuem a

ausência de efeitos *que*-vestígio ao facto de o sujeito nas LSN ser extraído directamente da posição pós-verbal e não da posição pré-verbal. Com efeito, Burzio (l986:165) discute dados do italiano que indicam que a extracção do sujeito se dá *invariavelmente* a partir da posição pós-verbal e nunca da posição pré-verbal. Considerem-se as seguintes frases do italiano:

(5) a. *(Ne_k)sono cadute [tre $—_k$]

b. Tre (*ne) sono cadute.

(6) [Quante $—_k$] *(ne_k) sono cadute?

O exemplo (5a) mostra que, quando o partitivo ocupa a posição pós-verbal, *ne* não pode ser omitido. O exemplo (5b) ilustra a impossibilidade de o clítico *ne* estar associado a uma categoria vazia contida num sujeito pré-verbal. O facto de apenas (5a) ter uma forma interrogativa correspondente (cf. 6) leva-nos a concluir que o sujeito em italiano *não pode nunca* ser extraído da posição pré-verbal. Esta conclusão vem dar força à proposta de Jaeggli l984 e Rizzi l982 e levanta a questão de se determinar a correlação existente entre esta propriedade e a propriedade do sujeito nulo.

A maior parte dos estudos (Rizzi l982, l986,1990, Burzio l986, Belletti l990, Brito e Duarte l983, Brito l984, Duarte l987, Âmbar l988, entre muitos outros) defende que o sujeito pré-verbal no exemplo (2a) se eleva da posição em que é gerado para a posição de [Esp,SFlex]. Para Rizzi l982, a Concordância nas LSN pode ser positiva ou negativamente especificada relativamente ao traço [+Nominal]. Quando a Conc é nominal, ela permite identificar uma categoria vazia pronominal em [Esp,Flex], *pro*. *Pro* pode ser [± referencial]. Se *pro* é [+ref], a estrutura resultante é uma frase de sujeito sem matriz fonológica (1a). Quando *pro* é [-ref], estabelece-se uma relação de CADEIA entre este, a concordância e um sujeito lexical pós-verbal (o sujeito argumental). Adaptando a análise de Rizzi l982 a um quadro teórico mais recente, em que se assume que o sujeito pós-verbal é gerado na base numa posição à direita de T (no domínio do SV), poderemos afirmar que, de acordo com esta linha de análise, o movimento do sujeito para [Esp,SFlex] depende da

especificação dos traços da Conc. Se esta é [+N], o sujeito lexical não se move para [Esp,SFlex]. Se é [-N], o movimento do sujeito lexical é obrigatório.

Esta análise associa as propriedades (a) e (b) das LSN, mas não permite facilmente acomodar a propriedade (c), visto deixar em aberto a questão de se saber por que razão a extracção do sujeito não pode ter nunca como ponto de partida a posição de [Esp,Flex], contrariamente ao que acontece nas Ls sem SN. Por outro lado, não é de modo nenhum clara a razão pela qual a Conc, nas LSN, pode uma vezes ser [+N] e outras, [-N].

Uma variedade de estudos (Rigau l987, Contreras l991, Bonet l990, Vallduví l990, l992, Solà l992, Barbosa l993, l995, l996a,b Alexiadou & Anagnostopoulou l998, Pollock l997) tem vindo a argumentar que as construções SV(O) nas LSN diferem das construções SV(O) nas línguas sem SN não apenas do ponto de vista informacional, mas também de um ponto de vista estritamente estrutural. Para estes autores, a verdadeira posição A do sujeito nas LSN é a posição pós-verbal. As construções SV(O) nestas línguas não envolvem nunca movimento-A do sujeito para [Esp,Flex] e são antes o resultado da aplicação de mecanismos independentemente atestados de anteposição de argumentos, tais como a Deslocação à Esquerda Clítica (DEC) do sujeito ou o movimento A-barra.

Em Barbosa l995, l996a,b, (no prelo a, b), apresentei argumentos de vária ordem a favor desta análise. Em particular, defendi a ideia de que em (2b) o SD *o João* é o sujeito argumental e que em (2a) não o é. A derivação de (2b) envolve elevação do verbo para T e o sujeito permanece na posição de base na sintaxe visível (Ordónez l998 e Costa l998, entre muitos outros, argumentam a favor da ideia de que o sujeito pós-verbal permanece na posição em que é gerado na base)[1].

(7) $[_{SFlex}$ $[_{Flex'}$ telefona $[_{SV}$ o João t]]]

[1] É bem possível que haja mais do que uma posição disponível para o sujeito à direita da Flexão, particularmente em construções com verbos auxiliares e em tempos compostos. Neste trabalho veremos vários exemplos em que o sujeito pode ocorrer imediatamente à direita de um verbo auxiliar ou à direita do verbo principal. Neste artigo, não tenho nada a dizer acerca deste fenómeno.

(2a) deverá ser analisada tal como se ilustra a seguir. Em (8) o SD *o João* está numa posição de DEC, i.e., é um tópico *gerado na base* numa posição de adjunção a SFlex (ou SComp) e redobrado por *pro*, o verdadeiro sujeito argumental:

(8) [$_{SFlex}$ o João$_{i}$ [$_{SFlex}$ telefona *pro* $_{i}$ ...]]

Em (8), o SD *o João* é legitimado por "regras de predicação" na acepção de Chomsky l977 (cf. também Raposo l997). SFlex contém uma posição "aberta" (*pro*, uma categoria pronominal sem referência independente) satisfeita pela entidade referida pelo SD em DEC. In (8) o SD em DEC está numa posição de adjunção a SFlex, mas também pode estar numa posição de adjunção a SComp em certos contextos (consultar Rizzi l997 para uma sinopse da posição relativa de tópicos em DEC e constituintes movidos por movimento de Foco ou movimento-*Q* em italiano; Sola l992, Vallduvi 1992, para o catalão; Zubizarreta l998, para o castelhano; Duarte l987, Ambar l988, Raposo l994, l997 e Barbosa (no prelo a,b) para o português).

Para além da estrutura exemplificada em (8), a ordem SVO pode também ser derivada por movimento A-barra do sujeito directamente a partir da posição pós-verbal, tal como se ilustra a seguir:

(9) [Sujeito...[$_{Flex'}$ [$_{Flex}$ V] [$_{SV}$ v]]

Em Barbosa 1995, l996a,b, (no prelo a,b) argumentei que as expressões quantificadas que não podem ser tópicos discursivos, tais como quantificadores nús, quantificadores indefinidos não específicos e operadores afectivos (no sentido de Klima l964) são extraídas por movimento A-barra para Esp-SFlex sempre que precedem o verbo (cf. também Raposo l994). Assim, o exemplo do português (10) que se segue será analisado como em (9)[2]:

[2] Na maior parte das línguas românicas de sujeito nulo (excluindo o português), os SDs definidos também podem ser extraídos por movimento A-barra, o que resulta na construção conhecida na literatura pelo nome de Movimento de Foco, que se exemplifica a seguir:

(i) GIANNI telefona (non Carlo)

(10) Alguém telefonou.

Barbosa l995, Alexiadou & Anagnostopoulou l998, e Pollock l997 explicam a não elevação do sujeito para [Esp,Flex] nas LSN mediante a eliminação da disjunção contida na proposta original de Rizzi l982. Para Rizzi, a Conc nas LSN pode ser [+N] ou [-N]. Eliminando a disjunção, a Conc nas LSN é invariavelmente [+N]. Sendo [+N], é capaz de verificar o traço D/N de T (ou, por outras palavras, o Princípio da Projecção Alargado (PPA)). Por esta razão, o sujeito lexical não é atraído para Esp-Flex na sintaxe visível. Em Barbosa (no prelo a,b) propus ainda que a não atracção do sujeito para [Esp, Flex] permite que esta posição esteja disponível para alojar constituintes elevados por movimento A-barra, como defendido por Contreras l991, Bonet l990, Vallduví l990, l992 e Solà l992.

Nesta perspectiva, as propriedades (b) e (c) do conjunto de propriedades que caracterizam as LSN são efeitos colaterais do mesmo fenómeno. Visto que a verdadeira posição A dos sujeitos é pós-verbal, prevê-se que o movimento A-barra tenha como ponto de partida esta posição e não outra. No que respeita à alternância entre as ordens [SV], [V…S] (propriedade (b)), ela decorre naturalmente da aplicação de processos de anteposição de constituintes independentemente atestados, tais como o movimento A-barra ou a DEC.

A teoria que acabo de descrever faz predições bastante precisas no que respeita aos contextos em que a ausência dos traços de concordância de Pessoa não permite que *pro* referencial seja identificado. Em particular, prevê que, nesses contextos, a ordem [SV] (em que S é uma expressão referencial) não seja atestada. Neste artigo, isolarei um conjunto de construções representativas deste tipo de contexto e argumentarei que esta predição é, de facto, confirmada, o que constitui mais um argumento a favor daquela teoria. Por razões puramente expositivas, utilizarei o termo *Teoria A* para referir a análise que defende a

---

Em (i) o sujeito recebe acento contrastivo e evidencia propriedades de reconstrução típicas do movimento A-barra, tal como demonstrado por Cinque l991 (consultar Torrego l984 para a descrição de construções deste tipo em castelhano, Bonet 1990, Vallduví l992 e Sola 1992 para o Catalão, Dobrovie-Sorin l994 para o Romeno e Cinque l991, Rizzi l997 para o Italiano). Para as diferenças entre esta construção e a Topicalização em Português, ver Duarte l987, Uriagereka l995, Raposo l997 e Barbosa (no prelo a,b).

existência de movimento-A dos sujeitos para [Esp,SFLex] e reservarei o termo *Teoria B* para designar a teoria segundo a qual não há movimento-A dos sujeitos para [Esp-SFlex] nas LSN.

(31)**Orações com Sujeito Expresso sem Traços de Concordância Verbal**

Nesta secção demonstrarei que existe um contraste sistemático entre as LSN e as línguas sem SN em construções oracionais sem o traço de concordância [Pessoa]: sempre que em tais construções ocorre um sujeito lexical, este precede o verbo nas Ls sem SN, embora o siga nas LSN. Considerem-se em primeiro lugar os adjuntos adverbiais oracionais designados *orações absolutas* (Stump l985, Reuland l983, Belletti l990, Hernanz l991, Âmbar l997, Schutze l996, Santos l999). Os exemplos do inglês que se seguem ilustram este tipo de construções:

(11) *Inglês: S-V*

a. **Your brother** *having called*, we left.

b. **The boat** completely *sunk*, only tiny liferafts were visible.

(11a) contém uma oração absoluta gerundiva e (11b) contém uma oração obsoluta participial. Em ambos os casos, o sujeito expresso precede a forma verbal. Considerem-se agora exemplos semelhantes nas línguas românicas e em grego moderno.

(12) *Francês: S-V*

a. **Ton frère** *ayant telephoné*, je suis parti.
'Tendo telefonado o teu irmão, fui embora'

b. **La lettre** *écrite*, nous avons pu aller nous promener.
'Escrita a carta, pudemos ir passear'

(13) *Castelhano: V-S*

a. *Habiendo resuelto* **el juez** absolver al acusado el juicio concluyó sin incidentes.

b. *Leída* **la sentencia**, el juez se retiró. [Hernanz l991:79]

(14) *Italiano: Aux-S*

a. *Avendo* **tuo fratello** telefonato, io sono rimasto a casa. [Rizzi l982:128]

b. *Arrivata* **Maria**, Gianni tirò un sospiro di sollievo. [Belletti l990:89]

(15) *Grego: V-S*

Erhomenos **o Yiannis** stin ora tou ... [Terzi l992:62]

Vindo o João em tempo seu

´Chegando o João a tempo´

Ao atentarmos na posição ocupada pelo sujeito relativamente ao verbo ou ao auxiliar, verificamos que o francês evidencia o padrão de ordem S-V verificado em inglês, no que se distancia das restantes línguas românicas. Nestas, o sujeito segue o verbo obrigatoriamente. Por outro lado, o grego moderno, uma língua de SN, também evidencia a ordem V-S[3].

A correlação existente entre a propriedade do sujeito nulo e o padrão V/Aux–S neste tipo de construções foi estabelecida por Roberts l994, que cita o seguinte exemplo do francês anterior ao século XVII, período em que esta língua ainda permitia sujeitos nulos:

(16) Ayant ce bon homme fait tout son possible ... [Roberts l994]

Segundo o estudo de Roberts, o desaparecimento de exemplos como (16) está relacionado com a perda da propriedade do sujeito nulo em francês. Curiosamente, também em português do Brasil (PB) é atestada a ordem S-V em gerundivas:

(17) O Pedro chegando, nós sairemos. [Kato et alii: l996]

De acordo com Kato et alii (l996) o PB está a sofrer um processo de transformação no sentido da perda de sujeitos nulos, pelo que se conclui que os dados do PB reforçam a

[3] A discussão que se segue pressupõe que as construções de Particípio Absoluto (PA) com verbos transitivos em castelhano e português são construções passivas. Existem estudos (Hernanz l991, Santos l999) que estabelecem este facto, pelo que não me deterei aqui nesta questão. O emprego de verbos inacusativos nos

correlação descoberta por Roberts. Conclui-se assim que as LSN exibem o padrão V-S nas construções absolutas enquanto as línguas sem SN exibem o padrão S-V.

As construções absolutas não são o único caso em que uma projecção oracional sem o traço de concordância de Pessoa pode conter um sujeito expresso. Atente-se nos seguintes exemplos:

(18) *Inglês:* *S-V*

a. **Them** *trying* to sing a song was just too terrible.

b. For **them** *to visit* her would be a mistake.

(19) *Francês:* *S-V*

La France *battre* le Brésil, ce serait inconcevable. [Vinet l984]

(20) *Castelhano: V-S*

(* Tú) *Telefonear* **(tú)** primero seria un error. [Piera l987: 153]

(21) *Catalão:* *V-S*

(***En Joan)** *Anar-hi* **(en Joan)**, no em sembla pas la solució [Sola l992: 247]

(22) *Italiano:* *Aux-S*

L' **(*io**) *esser* **(io)** disposto ad aiutarvi non significa che ... [Rizzi l982]

Os exemplos citados contêm orações completivas de sujeito de Tempo [-Fin]. Mais uma vez, observa-se o mesmo tipo de contraste entre o francês e o inglês, por um lado, e o castelhano, o italiano e o catalão, por outro. Tal como no caso das construções absolutas, em inglês e francês o sujeito ocupa a posição pré-verbal; em castelhano, italiano e catalão, o sujeito aparece em posição pós-verbal.

Note-se que o que determina a exclusividade do padrão V-S nas línguas de SN neste tipo de construções é a ausência de concordância verbal. A atestá-lo está o facto de, em português, língua em que o infinitivo pode ter traços de concordância, as orações infinitivas completivas de sujeito permitirem a alternância dos dois padrões de ordem, S-V e V-S:

---

exemplos de PA do italiano garante que estes envolvem sujeitos derivados (consultar Belletti l990, para um estudo das construções de PA em italiano).

(23) a. Não é boa ideia **eles** *falarem* com a Maria.
b. Não é boa ideia *falarem* **eles** com a Maria.

Nos exemplos (23a,b), o sujeito pode ocupar quer a posição pré-verbal quer a posição pós-verbal, contrariamente ao que acontece nas construções absolutas, ou nas orações infinitivas nas outras LSN. A alternância entre os dois padrões de ordem verificada em (23) é em tudo semelhante à que se observa em orações de tempo finito (veja-se a discussão da secção anterior). Conclui-se assim que o que determina a exclusividade do padrão V-S é a ausência dos traços de concordância verbal, isto é, a ausência da especificação dos traços de concordância de Pessoa (note-se que, nas orações absolutas participiais, há concordância em género e número, isto é, concordância nominal). Chega-se assim à seguinte generalização[4]:

(24) Em orações de Flexão [-Finita, -Pessoa], o sujeito lexical:
precede obrigatoriamente o verbo nas Ls sem SN;
segue obrigatoriamente o verbo nas LSN.

3. A Teoria B

Consideremos a generalização em (24) à luz da teoria B descrita na introdução. Como vimos, esta teoria afirma que a verdadeira posição A do sujeito nas LSN é a posição pós-verbal. As construções SVO nestas línguas não envolvem nunca movimento A do sujeito para [Esp,Flex] e são antes o resultado da aplicação de mecanismos independentemente atestados de anteposição de argumentos, tais como a Deslocação à Esquerda Clítica (DEC) ou o movimento A-barra (no caso de um conjunto restrito de expressões não referenciais quantificadas). Esquematicamente:

(25) DEC do sujeito:
$[_{SFlex} SD_i \; [_{SFlex} [_{Flex} \; V] [_{SV} \; pro_i \;]]$

---

[4] Para a discussão de aparentes contra-exemplos, ver Apêndice.

(26)Movimento A-barra

[$_{SFlex}$SD$_i$ [$_{Flex'}$ [$_{Flex}$ V] [$_{SV}$ v$_i$]]

Sendo assim, a Teoria B prevê que a ordem SV não seja permitida nos contextos em que *pro* referencial não é legitimado ou o movimento A-barra não é permitido.

Os contextos discutidos na secção anterior são os contextos relevantes para testar esta predição da Teoria B. Recorde-se que o que caracteriza os contextos em causa é a ausência dos traços de concordância de pessoa. Por esta razão, *pro* referencial não é identificado. Rizzi l982 observa que o sujeito nulo das orações absolutas gerundivas não tem a gama de possíveis referentes característica do sujeito pronominal nulo das orações de tempo finito, *pro*. Assim, no exemplo que se segue, a categoria vazia em posição de sujeito da gerundiva não pode ter como referente a mulher de *Gianni*:

(27)* cv essendo così simpatica, Gianni è contento.

Neste aspecto, o sujeito nulo das gerundivas tem um comportamento semelhante a PRO, o sujeito nulo das orações infinitivas, visto que também este não pode referir livremente. Em (28), PRO não pode ter como referente a mulher de Gianni:

(28)*Gianni ritiene PRO esser degna di ogni attenzione.

Belletti (l990) também apresenta argumentos a favor da ideia de que o sujeito nulo das orações participiais é PRO e não pro. Os contrastes relevantes são os seguintes:

(29)a. Lido, o texto soa bem.

b. *Lido, vamo-nos embora.

(29a) contém um SN capaz de controlar PRO mas (29b) não. A agramaticalidade de (29b) mostra que o sujeito nulo das orações participiais não é *pro* referencial, mas sim PRO.

Visto que a DEC do sujeito implica necessariamente um *pro* referencial, a teoria B prevê que, nestes contextos, a configuração (25) não seja permitida. Para além disto, é sabido que as construções absolutas são incompatíveis com o movimento-Q (a este propósito, consultar Reuland l983). Quanto às orações infinitivas com sujeito expresso (não controlado), também parecem ser incompatíveis com o movimento-Q curto (cf. Rizzi l982:102). Estas observações eliminam a configuração (26). Por conseguinte, a Teoria B prevê que a ordem SV não seja permitida nestas construções em LSN, o que é confirmado pelos dados.

4. A Teoria A e o Movimento de Aux-para-Comp

Para Rizzi (l982) e Belletti (l990), a obrigatoriedade da ordem V/Aux-S em orações de Tempo [-Fin] em italiano é uma função do Filtro de Caso (para o português, ver Ambar 1988, l997 e Raposo l987). Na ausência de concordância verbal, o sujeito em Esp-SFlex não pode receber Caso nominativo. Por essa razao, T eleva-se para Comp, configuração que legitima a atribuição de Caso ao sujeito em Esp-SFlex:

(30) Rizzi (l982):
[$_{C'}$ Essendo$_i$ [$_{SFlex}$ Gianni t_i dispuesto ad aiutarci]]

(31) Belletti (l990):
Arrivata Maria.
[$_{SC}$ [$_{C}$ arrivata $_i$] [$_{SAsp}$ Maria$_j$ [$_{Asp'}$ [$_{Asp}$ v $_i$]][$_{SV}$ t_i t_j]]]]

Considerada à luz do paradigmas apresentados, esta proposta levanta problemas conceptuais. Em francês e inglês, não há subida do Aux-para-C, e, no entanto, o Filtro do Caso (abstracto) não é violado. Note-se que, embora em muitos casos o sujeito pronominal assuma a forma acusativa em inglês (o caso *default* nesta língua), a forma nominativa também pode ocorrer[5]:

[5] Para uma análise da morfologia casual em orações de Tempo [-Finito] com sujeito lexical, ver Schutze l996. Este autor defende uma teoria do Caso que não depende exclusivamente da presença de concordância verbal.

(32) Roddy tried to avoid Elaine, **he** being a confirmed bachelor.
[Reuland l983]

Parece evidente que em inglês e francês o sujeito recebe Caso abstracto sem que haja subida de Aux-para-Comp na sintaxe. Esta observação põe em causa a motivação inicial de Rizzi para a subida da Flexão. Por outro lado, não é de modo nenhum evidente a correlação existente entre a propriedade do sujeito nulo e a subida de Aux-para-Comp. Para além deste problema, existem outros, de ordem empírica, que passarei a discutir.

4.1. Restrições de Co-ocorrência com um Complementadosr Visível

Um dos principais argumentos apresentados por Rizzi (l982) e Belletti (l990) a favor de movimento de Flex para Comp em construções de T [-Fin] com sujeito lexical consiste no facto de o sujeito lexical e o complementador estarem em distribuição complementar, tal como exemplificado em (33)

(33) a. Arrivata Maria, Gianni tirò un suspiro di sollievo.
b. Anche se arrivata in ritardo, Maria non si scusò
c. *Anche se arrivata Maria, tutti si rifiutarono di partire

A impossibilidade de (33c) e exemplos similares foi considerada um indicador de que a Flexão e o complementador ocupam a mesma posição (Rizzi l982 e Belletti l990). Consequentemente, a obrigatoriedade da ordem V/Aux-S resultaria da elevação de Flex para Comp.

O argumento de Rizzi e Belletti enfrenta um problema. A incompatibilidade entre um sujeito lexical e um complementador visível verifica-se também nos casos em que o sujeito lexical precede o verbo. Considerem-se os seguintes exemplos do inglês:

(34) a. John kept walking slowly, the rain drenching the road.

β b. John kept walking slowly, while the rain was drenching the road.

χ c. *John kept walking slowly, while the rain drenching the road.

d. John kept walking slowly, while PRO drenching the road with insecticides.

[Reuland 1983)

(35) a. The letter written, we left.

b. Once PRO written, the letter was carefully hidden.

c. *Once the letter written, it was carefully hidden.

Os dados apresentados mostram que a obrigatoriedade da ordem V/Aux-S é independente das restrições de co-ocorrência verificadas entre o complementador e um sujeito lexical. Esta observação retira força à argumentação de Rizzi e Belletti, visto que elimina a hipótese de explicação da distribuição do complementador exclusivamente em termos da subida do auxiliar na sintaxe.

4.2 O Posicionamento do Sujeito Imediatamente à Direita do Auxiliar

Um outro argumento utilizado por Rizzi (l982) em favor da subida do auxiliar consiste na observação de que a ordem Aux-S-Prt é impossível em contextos de tempo finito em italiano, apesar de ser permitida em orações gerundivas ou infinitivas. Assim, os exemplos que se seguem são agramaticais:

(36) a. *Ha Mario accettato di aiutarci.

b. *È Mario disposto ad aiutarci

Note-se, no entanto, que a impossibilidade da ordem Aux-S-Prt não se verifica em todas as línguas românicas, nem em todos os tempos compostos. Em português, o sujeito pode seguir imediatamente o auxiliar, como se exemplifica a seguir:

(37) Quando lá cheguei, já tinha o João lido o livro todo.

Em castelhano, a possibilidade de colocação do sujeito imediatamente à direita do auxiliar depende do verbo auxiliar escolhido e do tempo verbal:

(38) a. Ha (*Juan) leido el libro (Juan).
b. Habia (?Juan) leido (Juan) casi todo el libro, cuando le dijeron que …
c. Esta Juan leyendo el libro [M. L. Rivero, p.c.]

Se *haber* está na terceira pessoa do presente do indicativo, o sujeito não pode intervir. Esta restrição não se aplica quando a forma verbal é *habia*. É sabido que o pretérito perfeito composto em italiano e castelhano tem um valor temporal diferente do perfeito composto em Português. Naquelas línguas, o pretérito perfeito composto serve para exprimir o tempo **passado**, pelo que é bem possível que a agramaticalidade de (36a,b) e (38a) se deva a propriedades específicas das construções perfectivas nestas línguas e não a uma restrição de carácter geral (veja-se Zagona l993 para uma tentativa de explicação deste fenómeno). Note-se que, no caso das construções gerundivas e infinitivas em discussão, o auxiliar estabelece uma relação de anterioridade em relação ao estado de coisas descrito na oração principal. O seu valor semântico é, assim, diferente do do pretérito perfeito composto em italiano ou espanhol. É evidente que a impossibilidade de o sujeito intervir entre o auxiliar e o particípio nestes contextos carece de explicação, mas deste fenómeno não se pode inferir que as gerundivas ou infinitivas envolvam elevação do auxiliar para Comp, visto que a ordem Aux-S-Prt é atestada em outras línguas, tal como o português, ou em outro tipo de construções com verbos auxiliares, como se verifica nos exemplos (38b,c) do castelhano.

Finalmente, cumpre assinalar que, contrariamente ao que é referido em Belletti l990, existe um claro contraste entre sujeitos pré-verbais em contextos finitos e sujeitos de orações gerundivas no que respeita à extracção de *ne*. É sabido que é agramatical a extracção de *ne* a partir de um sujeito em posição pré-verbal:

(39) *[**Molti -**] **ne** sono stati distrutti.

Compare-se agora o exemplo (39) com o que se segue:

(40) ?/?? Essendo**ne** [**molti -**] stati distrutti dagli attachi precedenti,
potemmo tornare a casa. [Samek Ludovici, Andrea Calabrese p.c.]

Para os meus informantes, o contraste entre (39) e (40) é claro. Esta observação constitui um problema para a ideia de que *molti* ocupa a mesma posição nos dois exemplos. Poder-se-á argumentar que a subida do auxiliar cria a configuração de c-comando necessária para *ne* ligar a categoria vazia a que está associado. No entanto, Pollock l986 argumenta que a configuração de c-comando não é uma condição suficiente para permitir a extracção de *ne*, visto que, em construções de Inversão Estilística em Francês, *en* não é legitimado, apesar de existir c-comando (consultar Deprez l990 para argumentos a favor de que a Flexão c-comanda o sujeito em (41b)).

(41) a. Quand **en** a été imprimé un faux billet?
b. *Quand **en** a été imprimé [un -]? [Pollock l986]

Assumindo que Pollock está certo, os dados da extracção de *ne* constituem evidência em desfavor da ideia de que *molti* em (39) e (40) ocupa a mesma posição. Dito por outras palavras, os dados da extracção de *ne* indicam que *molti* em (40) se situa numa posição mais baixa do que a ocupada pelos sujeitos pré-verbais em contextos finitos, o que, por seu turno, lança algumas dúvidas sobre a subida de Aux-para-Comp como forma de derivar a ordem Aux-Suj-Adv.

4.3. Construções de Particípio Absoluto(PA)

Embora no caso das construções gerundivas ou infinitivas não seja fácil determinar com rigor qual a posição ocupada pelo verbo ou auxiliar, existem estudos que argumentam que a ordem [V SD] nas construções de PA em português e castelhano não é derivada mediante movimento de V para C. A distribuição dos advérbios de SV é um dos argumentos apresentados por Santos (l999) contra a subida do Prt para Comp no PA em português.

Com base neste e noutros argumentos, Santos propõe que as construções de PA em português são projecções de um núcleo aspectual, situando-se o particípio verbal numa projecção de Aspecto; o sujeito permanece na posição em que foi gerado na base.

(42) $[_{SAsp}$ Prt $[_{SV}$ t SD]]

Lopez (l994) chegou a conclusões idênticas para o castelhano. Conclui-se portanto que a obrigatoriedade da ordem [V SD] se verifica *mesmo nos casos em que não há elevação do verbo para além de Asp*, o que inviabiliza a explicação deste fenómeno em termos de movimento da Flexão para Comp.

De qualquer forma, independentemente da questão da posição ocupada pela Flexão em cada um destes tipos de construções, existem dados que indicam que o sujeito nas Ls sem SN se eleva para uma posição mais alta do que aquela que é ocupada pela flexão em LSN. Estes dados serão discutidos na secção seguinte.

5. A Posição do Sujeito Lexical nas Orações Absolutas

A análise comparativa da distribuição dos advérbios de SV em construções de PA em francês e inglês, por um lado, e português e castelhano, por outro, revela que o sujeito nas línguas sem SN se eleva para uma posição mais alta do que a posição ocupada pelo particípio em português e castelhano.

Enquanto em inglês e francês o sujeito precede a sequência advérbio-particípio, em português e castelhano o sujeito segue a sequência formada pelo advérbio-particípio:

(43) **The boat** *completely* sunk, only tiny liferafts were visible.

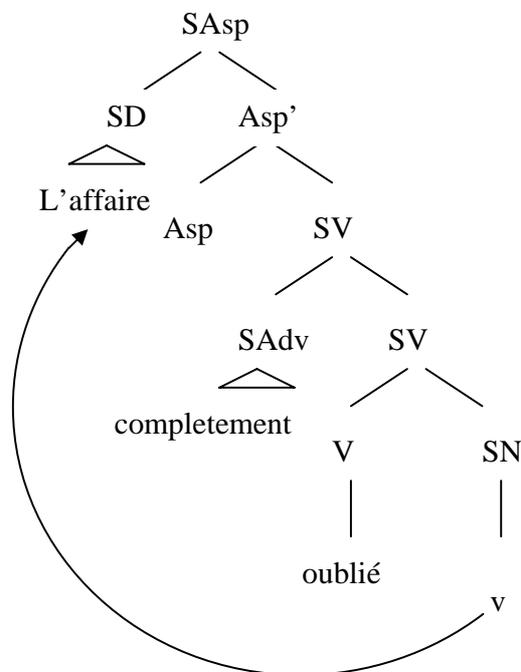
(44) Une fois **l'affaire** *complétement/definitivament* oubliée, Jean est retourné à la politique.

(45) a. (Uma vez) *completamente/definitivamente* esquecido **o assunto**, o João regressou à política.

b. *Bem* recebida em Bruxelas a proposta do Governo, …

(46) Una vez *definitivamente* resuelto el problema, ...

Partindo do princípio de que existe apenas uma posição à esquerda do particípio disponível para o advérbio, conclui-se que o SD sujeito em (43-44) se situa numa posição mais alta do que aquela que é ocupada pelo particípio em (45-46). Em Barbosa (l997), sugeri que o exemplo (44) fosse analisado como indicado em (47), em que a construção de particípio absoluto é uma projecção do núcleo Aspecto:

(47)

(47) coincide com a análise de Santos l999, que propõe que as construções de PA são projecções de um núcleo aspectual, sendo que o sujeito se eleva para [Esp, Asp] nas

línguas sem SN. Nos exemplos do português e do castelhano, o sujeito permanece na posição em que foi gerado na base, situando-se assim à direita do particípio em Asp [6].

Sendo assim, o que distingue as LSN das línguas sem SN nas construções de PA não é a subida do Prt para Comp, tal como defendido por Belletti, mas sim o facto de o sujeito ser atraído na sintaxe visível para [Esp,Asp] nas segundas e não nas primeiras.

5. A Posição do Sujeito Lexical em Orações Infinitivas sem Concordância Verbal

Nesta secção debruçar-me-ei sobre as orações infinitivas com sujeito lexical em línguas que não possuem o infinitivo flexionado.

Como vimos, há orações de infinitivo não flexionado que podem ter um sujeito lexical em todas as línguas em discussão. Os exemplos apresentados na introdução contêm completivas de sujeito, mas existem também exemplos de orações infinitivas completivas de objecto com sujeito lexical. Considerem-se os seguintes exemplos do registo formal do italiano e francês:

(48) Questa commissione ritiene [**aver** *loro* sempre ottemperato agli obblighi previsti dalla legge]

(49) Il jugeait cette récréation lui devoir être profitable.
[Flaubert, Madame Bovary, citado por Grévisse l993: p.1278]

De acordo com a análise de Rizzi l982, a ordem [Aux-Suj] em (48) é derivada mediante subida do Aux-para-Comp e o sujeito ocupa a posição de [Esp,SFlex] (consultar Raposo (l987) para uma análise semelhante de construções equivalentes em Português, com o infinitivo flexionado[7]). A subida do auxiliar para o sistema do complementador garante a

---

[6] Note-se que existe um contraste entre o francês e as restantes línguas românicas de sujeito nulo no que respeita à subida do verbo nas construções de PA. Tanto Belletti 1990 como Santos l999 defendem que o particípio verbal não sobe para o núcleo funcional Asp em francês, embora o faça invariavelmente nas LSN. Observe-se ainda que teremos de admitir duas posições possíveis para os advérbios em causa: adjunção a SV e a SAsp. Sobre a relevância da subida do verbo para a propriedade do sujeito nulo, ver Barbosa (l995).

[7] Por limitações de espaço, é-me impossível discutir aqui a proposta de Raposo (l987), que argumenta a favor da subida do Auxiliar para Comp em construções de infinitivo flexionado com verbos epistémicos e declarativos. Em Barbosa (no prelo a) são apresentados argumentos contra a subida do Auxiliar para Comp nessas construções e é defendida a ideia de que as restrições ao tipo de sujeito pré-verbal que nelas pode ocorrer mencionadas em Ambar (l988) são exactamente as que são previstas pela teoria aqui proposta.

atribuição de caso nominativo ao sujeito. No entanto, ao colocarmos os exemplos (48) e (49) em paralelo, observamos que também em francês é legitimado um sujeito lexical, apesar de o auxiliar não subir. Como se pode ver pelo exemplo que se segue, em francês, o sujeito da oração infinitiva recebe caso acusativo do verbo da frase raiz:

(50) Je les crois valoir d´être connues.

Independentemente da posição ocupada pelo auxiliar em italiano e francês, ou dos mecanismos de atribuição de caso ao sujeito, será difícil não concluir que o sujeito em francês se eleva na sintaxe para uma posição mais alta do que a ocupada pelo sujeito em construções equivalentes em italiano.

6. Conclusões

Os dados relativos à distribuição dos advérbios de SV em construções de PA em português e francês/inglês, e a análise contrastiva das orações infinitivas em registos formais do italiano e francês convergem em torno da conclusão de que o sujeito em línguas sem SN se eleva na sintaxe visível para uma posição mais alta do que a ocupada pelo sujeito em LSN. Por outro lado, foi observado que também em orações absolutas gerundivas existe um contraste sistemático entre as LSN e as línguas sem SN: nas primeiras, o sujeito segue a forma verbal gerundiva; nas segundas, precede-a.

Proponho assim que, em francês e inglês, o sujeito se eleva para a posição de especificador da projecção flexional mais alta, nomeadamente Asp, nas construções de PA, e T nas construções absolutas gerundivas ou nas orações infinitivas (veja-se Belletti l990, Hernanz l991 e Ambar 1997 para argumentos em favor da ideia de que as construções gerundivas contêm uma projecção de Tempo). Nas LSN, o sujeito não se eleva para [Esp,SAsp] ou [Esp,$ST_{[-Fin]}$] na sintaxe visível. Esta proposta explica a generalização (24) da secção 2.

7. O Princípio da Projecção Alargado (PPA) e a Propriedade do Sujeito Nulo

As conclusões a que chegámos na secção anterior levantam a questão de se saber qual a relação existente entre a Propriedade do Sujeito Nulo e a não atracção do sujeito para [Esp-SAsp/ST [-Fin]] na sintaxe visível. Vejamos em primeiro lugar quais são as hipóteses de explicacão deste fenómeno que se apresentam no quadro da teoria A.

Poder-se-ia eventualmente postular que o traço D/N de Asp e T [-Fin] é forte nas línguas sem SN e fraco nas LSN. Com efeito, é esta a proposta de Santos (l999) no que respeita às construções de PA. Esta proposta conduzir-nos-á fatalmente à conclusão de que, em contextos de tempo finito, o traço D/N de T é umas vezes forte e outras, fraco, visto que, nestes contextos, o sujeito pode ou não aparecer em posição pré-verbal (conferir a discussão da introdução).

Tem sido frequentemente observado (Brito e Duarte l983, Brito l984, Âmbar l988, Calabrese l991, Saccon l993, Pinto l994, Samek-Ludovici l994, Belleti and Shlonsky l995, Adger l996, Costa l998) que, de uma forma geral, os sujeitos pré-verbais nas LSN têm propriedades discursivas diferentes das dos sujeitos pós-verbais: os sujeitos pré-verbais tendem a ser tópicos discursivos enquanto que os sujeitos pós-verbais são focos informacionais. Em virtude da correlação existente entre as duas posições e as duas funções discursivas, Saccon l993, Pinto l994, Adger l996, Samek-Lodovici l994, propuseram que o movimento A do sujeito na sintaxe visível nas LSN é desencadeado pelo traço discursivo [+Tópico] (veja-se também Duarte l997, Santos l999 para uma análise deste tipo formulada exclusivamente para o tratamento do português).

De acordo com esta linha de análise, a diferença entre as LSN e as Línguas sem SN reside na possibilidade de os sujeitos [-Top] permanecerem *in situ* nas primeiras e não nas segundas. Este tipo de abordagem seria facilmente conciliável com a ideia de que o traço D/N é fraco nas línguas de SN. No entanto, ela enfrenta problemas de ordem empírica e conceptual. Por um lado, não é verdade que os sujeitos pré-verbais sejam sempre tópicos discursivos. Com efeito, a posição pré-verbal pode ser ocupada por expressões quantificadas não referenciais que não são, de modo nenhum, tópicos discursivos:

(51) Alguém me disse que ninguém falou com o Pedro.

Para além disso, esta proposta terá de explicitar ainda por que razão, nos contextos em que a concordância de Pessoa está ausente, os sujeitos [+Top] não são atraídos para a posição pré-verbal[8]. De qualquer forma, ainda que se pudesse encontrar uma explicação para este fenómeno, permanece a questão de explicar a propriedade (c) das LSN mencionada na introdução, nomeadamente o facto de a extracção do sujeito ter como ponto de partida exclusivamente a posição pós-verbal. Qualquer análise que defenda que a ordem SVO nas LSN envolve movimento A para Esp,Flex enfrenta o problema de explicar por que razão o movimento A-barra não tem como ponto de partida esta posição, tal como acontece nas línguas sem SN, como o inglês ou o francês. Finalmente, a relação entre a Propriedade do Sujeito Nulo e o traço D/N-fraco de T permanece por explicar.

Consideremos agora a teoria B descrita na introdução. Como vimos, esta teoria afirma que a verdadeira posição A do sujeito nas LSN é a posição pós-verbal. As construções SVO nestas línguas não envolvem nunca movimento A do sujeito para [Esp,Flex] e são antes o resultado da aplicação de mecanismos independentemente atestados de anteposição de argumentos, tais como a Deslocação à Esquerda Clítica (DEC) ou o movimento A-barra (no caso de um conjunto restrito de expressões não referenciais quantificadas).

As conclusões a que chegámos na secção anterior estão em conformidade com as predições desta teoria. Recorde-se que o que caracteriza os contextos discutidos neste trabalho é a ausência dos traços de concordância de pessoa. Por esta razão, *pro* referencial não é identificado (cf. a secção 3). Visto que a DEC do sujeito implica necessariamente um *pro* referencial, a teoria B prevê que, nestes contextos, a configuração correspondente à DEC do sujeito não seja permitida.

Por outro lado, é sabido que as construções absolutas são incompatíveis com o movimento-Q (a este propósito, consultar Reuland l983). Quanto às orações infinitivas com sujeito expresso (não controlado), também parecem ser incompatíveis com o movimento-Q curto (cf. Rizzi l982:102). Estas observações eliminam a existência de movimento A-barra

[8] Santos l999 defende que os sujeitos [+Top] são atraídos para [Esp,SAsp] no PA em português. Para uma reapreciação crítica dos dados que motivam esta proposta, ver Apêndice.

neste tipo de construções. Por conseguinte, a Teoria B prevê que a ordem SV não seja permitida nestas contextos nas LSN, o que é confirmado pelos dados, e nada mais há a dizer, a não ser descobrir qual a correlação existente entre a Propriedade do Sujeito Nulo e a ausência de movimento A dos sujeitos para [Esp,SFlex] [9].

Barbosa l995, Alexiadou & Anagnostopoulou l998, e Pollock l997 explicam a não elevação do sujeito para [Esp,Flex] nas LSN por meio de uma extensão simples da ideia de Taraldsen e Rizzi l982 segundo a qual a Concordância em T é [+Nominal] nas LSN. Recorde-se que, para Rizzi, a Conc nas LSN pode ser positiva ou negativamente especificada relativamente ao traço [N]. Barbosa (l995), Alexiadou & Anagnostopoulou l998, e Pollock l997 propõem que a Conc nas LSN é invariavelmente [+N]. Sendo [+N], é capaz de verificar o Princípio da Projecção Alargado (ou o traço D/N de T). Por esta razão, o sujeito lexical não é atraído para Esp-ST na sintaxe visível (por hipótese, os traços formais do sujeito lexical são apenas verificados pós SPELL OUT).

Esta teoria permite articular as propriedades (b,c) e a propriedade (a) das LSN mencionadas na introdução: uma vez que a Conc é [+N], é capaz de identificar uma categoria vazia em posição argumental sempre que contém os traços-*phi* relevantes. Por outro lado, quando o sujeito argumental é uma expressão com matriz fonológica, o PPA é verificado pelo traço [+N] de Conc, o que permite que o sujeito permaneça *in situ*. Em caso de extracção do sujeito, o vestígio ocupa a posicão A do sujeito, isto é, a posição pós-verbal.

Apêndice

As frases que se seguem são aparentes contra-exemplos à generalização (24):

[9] Duarte l987 e também Raposo e Uriagereka l996 defendem que as construções de infinitivo e a DEC são incompatíveis, o que constituiria um problema para a teoria aqui defendida visto que, como vimos, o infinitivo flexionado é compatível com sujeitos pré-verbais. No entanto, Rizzi l997 menciona exemplos do italiano de orações infinitivas com objectos em DEC. Em Barbosa (no prelo a) menciono também exemplos do português com construções de infinitivo flexionado e dativos em DEC, chegando mesmo a isolar contextos em que certo tipo de restrições ao tipo de sujeito permitido (expressão referencial vs expressão não

(52)Uma vez a casa construída, o João mudou-se.

(53)Em a Maria vindo, começa a aula.

A existência em português de construções participiais do tipo ilustrado em (52) é discutida em Ambar (l988) e Santos (l999). Exemplos como (53) são notados por Brito (l984). Como é evidente, (52) e (53) constituem um problema para a teoria aqui defendida. No entanto, uma análise atenta deste tipo de exemplos revela que o problema é apenas aparente.

Comecemos por abordar o caso das construções de PA em (52). Santos (l999) propõe que a alternância entre a ordem [V SD] e [SD V] em português codifica informação discursiva[10]. A ordem [SD V] é derivada a partir de uma estrutura de base [V SD], mediante movimento do SD para [Esp-SAsp]. Na linha de Duarte (l997), Santos propõe que o que desencadeia o movimento é a codificação desse SD como tópico informacional.

A análise de Santos baseia-se no pressuposto de que as ordens [V SD] e [SD V] partilham a mesma estrutura de base. No entanto, é possível demonstrar que este pressuposto não pode ser mantido. Começarei por notar aqui que não há propriamente alternância entre as duas possibilidades. Com efeito, a ordem [SD V] só ocorre na condição de a construção participial ser introduzida pela expressão 'uma vez'. Compare-se o exemplo seguinte com o exemplo (52):

(54) *A casa construída, o João mudou-se.

Por outro lado, a classe de predicados com que ocorre a ordem [SD V] não coincide com a classe de predicados com que ocorre a ordem [V SD]. Considerem-se os seguintes contrastes:

(55) a. (Uma vez) Chegada a Maria, começou a aula.

---

referencial quantificada) são exactamente as previstas pela teoria aqui defendida. O leitor interessado é remetido para esse trabalho.

b.*Uma vez a Maria chegada, começou a aula.

(56) a. (Uma vez) aparecida a lente de contacto, demos um suspiro de alívio.

b. *Uma vez a lente de contacto aparecida, demos um suspiro de alívio.

Estes contrastes de gramaticalidade demonstram claramente que as ordens [SD Prt] e [Prt SD] não são derivadas a partir da mesma estrutura de base, o que constitui um problema para o tratamento destes dados em termos de elevação do SD.

Ao atentarmos no tipo de particípios que participam da construção [*uma vez* SD Prt], verificamos que são invariavelmente passivas adjectivais:

(57) a. A casa está construída.

b. O livro está lido.

c. Estes exercícios estão vistos.

(58) a. * A Maria está chegada.

β b. *A lente de contacto está aparecida.

Concluo assim que a derivação da construção [*uma vez* SD Prt] envolve uma oração pequena encabeçada pela expressão ‘uma vez’, com uma estrutura equivalente à construção predicativa perfectiva exemplificada a seguir:

(59) Com a Maria contente, podemos trabalhar.

Com efeito, a construção [uma vez SD Pred] é possível com predicados adjectivais:

(60) Uma vez a Maria feliz, acabaram-se as preocupações.

---

[10] Santos l999 observa que as construções do tipo [*uma vez* SD V] não são atestadas nas outras línguas românicas e procura explicar este fenómeno em termos da noção de “língua orientada para o discurso”, aplicada ao português.

Sendo assim, o SD em posição pré-participial é o argumento externo de um predicador adjectival, o que torna estes exemplos irrelevantes para a análise em discussão neste artigo[11].

Finalmente, consideremos o exemplo (53). Também aqui, a presença da preposição é crucial.

(60) *A Maria vindo, podemos almoçar.

Por outro lado, também é possível demonstrar que as construções [*em* SD Ger] e [Ger SD] não são derivadas a partir da mesma estrutura de base. Se partilhassem a mesma estrutura de base e a ordem [SD Ger] fosse derivada a partir da ordem [Ger SD], seria difícil encontrar uma explicação para os seguintes contrastes:

(62) a. (Em) não aparecendo ninguém, terás de fechar a loja.
b. */?Em ninguém aparecendo, terás de fechar a loja.
(63) a. (Em) aparecendo só o Carlos, não podemos reunir.
b. *Em só o Carlos aparecendo, não podemos reunir.

Curiosamente, existem construções analisáveis como orações pequenas (Raposo l986) que exibem restrições semelhantes:

---

[11] Santos (l999) apresenta um argumento contra a ideia de que o particípio é uma forma passiva adjectival, nomeadamente a impossibilidade de emprego de formas participiais com o prefixo **in-** :

4. (i) *Inacabado o livro, fui-me deitar.

Na minha opinião, (i) é mal-formada por razões que não dependem do estatuto categorial do forma participial. O predicado *inacabada* não tem as propriedades perfectivas necessárias à interpretação das construções absolutas com valor temporal. Santos recusa uma abordagem puramente interpretativa da agramaticalidade de (i) em virtude de (ii) ser possível:
(31)
5. (ii) Desfeitas as malas, fomo-nos embora.

Note-se, no entanto, que *desfeitas as malas* pressupõe um mudança de estado, a qual serve de ponto de referência para a localização no tempo do estado de coisas descrito na oração principal*; inacabada a aula*, por seu lado, não pressupõe qualquer mudança de estado e como tal é incapaz de introduzir um ponto de referência relativamente ao qual é localizado o estado de coisas descrito na oracão principal.

(64) Com a Maria gritando com o Jorge daquela maneira, não podemos trabalhar.

(65)*/?Com ninguém prestando atenção, não posso falar.

(66) *Com só a Maria prestando atenção, o que podemos fazer?

Concluindo, é bem provável que as estruturas [*em* SD Ger] também sejam orações pequenas, encabeçadas pela preposição *em*. Por limitações de espaço, é-me impossível dar a estes dados a atenção que merecem. De qualquer forma, independentemente da análise precisa destas construções, os contrastes entre (62a, 63a) e (62b, 63b), por um lado, e entre (53) e (61), por outro, chegam para estabelecer sem margem para dúvidas que as sequências [*em* SD Ger] e [Ger SD] não partilham a mesma estrutura de base. Esta observação basta para concluir que (53) não constitui um problema para a generalização em (24).

Bibliografia

Adger, D. l996. Economy and Optionality: Interpretations of Subjects in Italian. *PROBUS* 8: 117-136.

Âmbar, M. l988. *Para uma Sintaxe da Inversão Sujeito Verbo em Português*. Dissertação de Doutoramento. Universidade de Lisboa.

Âmbar, M. l997. "Infinitives vs. Participles." Ms. Universidade de Lisboa.

Alexiadou, A. e E. Anagnostopoulou. l998. Parametrizing AGR: Word Order, V-Movement and EPP-Checking. *NLLT 16*: 491-539.

Barbosa, P. 1995. *Null Subjects*. Ph.D. dissertation. MIT, Cambridge, Mass.

Barbosa, P. l996a. "Clitic Placement in European Portuguese and the Position of Subjects." In A. Halpern and A. Zwicky (eds.), *Approaching Second: Second Position Clitics and Related Phenomena*, 1-40. Stanford, Calif.: CSLI Publications.

Barbosa, P. l996b. A New Look at the Null Subject Parameter. In Costa J., R. Goedemans and Ruben van de Vijver (eds.), *Proceedings of ConSOLE IV*: 375-395. Leiden, The Netherlands.

Barbosa, P. l997. "Sujeitos Nulos, o PPA e a Subida Generalizada do Verbo". Comunicação apresentada no XIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Barbosa, P. (no prelo a). Clitics: a Window into the Null Subject Property. In João Costa (org.), *Essays in Portuguese Comparative Syntax*. New York: Oxford Press.

Barbosa, P. (no prelo b).”On Inversion in Wh-questions in Romance”. In A. Hulk & J.-Y. Pollock (orgs.), *Romance Inversion.* New York: Oxford Press.

Belletti, A. and L. Rizzi. 1981. The syntax of *ne*: Some theoretical implications. *Linguistic Review 1*: 117.

Belleti, A. l990. *Generalized Verb Movement.* Torino: Rosenberg & Sellier.

Bonet, E. l990. “Subjects in Catalan.” *MIT Working Papers in Linguistics* 13: 1-26. Cambridge: MIT.

Brito, A. and Duarte, I. l983. “Condições sobre Posposição do Sujeito em Português.” *Boletim de Filologia*, Tomo 27: 191-254. Lisboa: Centro de Linguística da Universidade de Lisboa.

Brito, A. l984. “Sobre as Noções de Sujeito e Argumento Externo: Semelhanças entre a Estrutura de F e a Estrutura do SN em Português.” *Boletim de Filologia*, Tomo 24: 421-478. Lisboa: Centro de Linguística da Universidade de Lisboa.

Burzio, L. l986. *Italian syntax*. Dordrecht: Reidel.

Calabrese, A. l990. “Some Remarks on Focus and Logical Structures in Italian*.” Harvard Working Papers in Linguistics*. Cambridge: Harvard University.

Campos, H. l997. On Subject Extraction and the Antiagreement Effect in Romance. *Linguistic Inquiry 28*: 92-119.

Chomsky, N. l977. “On *wh*-Movement.” In P. Culicover, T. Wasos and A. Akmajian (eds.), *Formal Syntax* 71-132. New-York: Academic Press.

Chomsky, N. l995. *The Minimalist Program*.. Cambridge, Mass: The MIT Press.

Contreras, H. l991. “On the Position of Subjects.” In Susan D. Rothstein (ed.) *Perspectives on Phrase Structure: Heads and Licensing*. Syntax and Semantics 25. San Diego: Academic Press.

Cinque, G. l990. *Types of A’-dependencies*. Cambridge: MIT Press.

Costa, J. l996. Positions for subjects in European Portuguese. *Proceedings of WCCFL XV*. Stanford: CSLI.

Costa, J. l998. *Word Order Variation. A Constraint-based Approac*h. Dissertação de Doutorament. Universidade de Leiden, The Netherlands.

Dobrovie-Sorin, C. l994. *The Syntax of Roumanian: Comparative Studies in Romance*. Dordrecht: Foris.

Duarte, I. l987. *A Construção de Topicalização na Gramática do Português: Regência, Ligação e Condições sobre Movimento*. Dissertação de Doutoramento. Universidade de Lisboa.

Duarte, I. 1997. Ordem de Palavras e Estrutura Discursiva. In A. M. Brito, F. Oliveira, I. Pires de Lima & R. M. Martelo (orgs.), *Sentido que a Vida Faz – Estudos para Óscar Lopes*. Porto: Campo das Letras.

Hernanz, M. L. 1991. Spanish Absolute Constructions and Aspect. *The Catalan Working Papers in Linguistics,* Universitat Autònoma de Barcelona: 75-128.

Deprez, V. l990. Two ways of moving the verb in French, *MIT Working Papers in Linguistics 13.* Cambridge, Mass: 47-85.

Grevisse, M. l993. *Le Bon Usage: Grammaire Française*, 3º edição. Paris: Duculot.

Jaeggli O. l984. Subject extraction and the null subject parameter. *NELS 14.*

Jaeggli, O. and K. Safir (orgs.). 1989. *The Null Subject Parameter*. Kluwer Academic Publishers.

Lopez, L. l994. The Internal Structure of Absolute Small Clauses. *Catalan Working Papers in Linguistics* (CWPL). Universitat Autònoma de Barcelona.
Kayne, R. l984. *Connectedness and Binary Branching.* Dordrecht: Foris.
Kato, M. A., M. Nascimento, E. Nicolau, R. Belinck and H. Britto. l996. Padrões de Predicação no Português falado no Brasil. In M. Kato (org.) *Gramática do Português falado*. Editora da Universidade Estatal de Campinas.
Klima, E. l964. "Negation in English." In J. Katz and J. Fodor (eds.), *The Structure of Language* (Prentice-Hall).
Ordónez, F. l998. "Post-verbal asymmetries in Spanish." *NLLT 16*: 313-346.
Piera, C. l987. Sobre la estructura de las cláusulas de infinitivo. In V. Demonte & M. Lagunilla (orgs.) *Sintaxis de las Lenguas Románicas*. Madrid: Ediciones El Arquero: 148-163.
Pinto, M. l994. "Subjects in Italian: Distribution and Interpretation." In R. Bok-Bennema and C. Cremers (eds.), *Linguistics in the Netherlands*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.
Pollock, J.-Y. l997. *Langage et Cognition: Introduction au Programme Minimaliste de la Grammaire Générative*. Paris: Presses Universitaires de France.
---- l986. Sur la syntaxe de *en* et le paramètre du suget nul. In Couquaux D. & M. Ronat (orgs.)*La Grammaire Modulaire*. Paris: Editions Minuit: 211-246.
Raposo, E. l987. Case Theory and Infl-to-Comp: The Inflected Infinitive in European Portuguese. *LI 18*: 85-109.
Raposo, E. l989. Prepositional Infinitival Constructions in European Portuguese. In O. Jaeggli & K. Safir (orgs.), . *The Null Subject Parameter*. Kluwer Academic Publishers.
Raposo, E. 1994. Affective Operators and Clausal Structure in European Portuguese and European Spanish. Ms., University of California at Santa Barbara, Calif.
Raposo, E. 1997. Definite/zero Alternations in Portuguese: Towards a Unified Theory of Topic Constructions. Ms., University of California at Santa Barbara, Calif.
Reuland, E. 1983. Governing -ing, *Linguistic Inquiry 14:* 101-136.
Rigau, G. l987. "Sobre el Carácter Quantificador de los Pronombres Tónicos en Catalán." In Violeta Demonte and Marina Fernández Lagunilla (eds.), *Sintaxis de las lenguas Románicas*. Madrid: Textos Universitarios.
Rizzi, L. l982. *Issues in Italian Syntax*, Kluwer Academic Publishers. Dordrecht: Kluwer.
Rizzi. L. l986. Null Objects in Italian and the Theory of *pro*. *Linguistic Inquiry* 17: 501-557.
Rizzi, L. l997. The Fine Structure of the Left Periphery. In L. Haegeman (ed.), *Elements of Grammar*. Dordrecht: Kluwer.
Roberts, I. l994. Two Types of Head Movement in Romance. In Lightfoot, D. & Norbert Hornstein (orgs.) *Verb Movement.* Cambridge: Cambridge University Press: 207-242.
Samek-Lodovici, V. l994. "Structural Focusing and Subject Inversion in Italian. " Trabalho apresentado em *Linguistics Symposium on Romance Languages XXIV*, Los Angeles.
Saccon, G. l993. *Post-verbal Subjects: A Study Based on Italian and its Dialects.* Ph.D. Dissertation, Harvard University.

Santos, A. L. l999. ‘A Ordem de Palavras nas Construções de Particípio Absoluto”. In *Actas do XIV Encontro Nacional da APL*. Universidade de Aveiro.
Santos, A. L. l999. *O Particípio Absoluto em Português e em Outras Línguas Românicas*. Dissertação de mestrado em Linguística Teórica. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
Sola, J. l992. *Agreement and Subjects*. Dissertação de Doutoramento, Universitat Autònoma de Barcelona.
Schutze, C. l997. *Infl in child and Adult Language: Agreement, Case and Licensing*. Ph.D. Dissertation. MIT. Cambridge, Mass.
Stump, G. l985. *The Semantic Variability of Absolute Constructions*. Dordrecht: D. Reidel Publishing Company.
Terzi, A. 1992. *Pro in Finite Clauses, A Study of the Inflectional Heads of the Balkan Languages*, Ph.D Dissertation, City University of New York.
Vallduví, E. l990. *The Informational Component*. Ph.D. dissertation. University of Pennsylvania.
Vallduví, E. l992. “A Preverbal Landing Site for Quantificational Operators.” In *Catalan Working Papers in Linguistics l992*: 319-344. Barcelona: Universitat Autònoma de Barcelona.
Vinet, M. T. l984 Lexical Subjects in French Infinitives. Contreras, H. e J. Klansen Borgen (orgs)*Proceedings of the Tenth Anniversary Symposium on Romance Linguistics:* 407-423.
Zagona K. l993. Perfectivity and Temporal Arguments. Artigo apresentado no *XXIII Linguistic Symposium on Romance Languages*, Northern Illinois University, l993.
Zubizarreta, M. L. l998. *Word Order, Prosody and Focus*. Cambridge: MIT Press.